

A CIDADE COMO PALCO DOS ENCONTROS: DIÁLOGOS ENTRE SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA AMBIENTAL

*Bettieli Barboza da Silveira*¹

*Mayara Cristina Silva Alves*²

Resumo: No intuito de compreender como a inclusão ativa e participativa na cidade pode contribuir com o processo terapêutico de pessoas em sofrimento psíquico, esta pesquisa aborda quatro participantes, usuários de um Centro de Atenção Psicossocial II. Propõe-se a um diálogo entre saúde mental e psicologia ambiental, interessada em discutir formas de melhor manejar estratégias de saúde junto aos projetos terapêuticos singulares. Realizado em conjunto com o processo de Acompanhamento Terapêutico de cada participante, percorreram-se os espaços públicos, lugares onde relações anteriores foram construídas, ambientes já visitados onde experiências foram vivenciadas ao longo suas vidas. Foi realizada transcrição e análise dos dados a partir da Análise Temática, resultando em duas categorias: pertencimento; afeto e movimento. Por fim, ressalta-se a relevância desse estudo frente a temática, além da importância que espaços e ambientes públicos possuem na construção de bem-estar para um indivíduo em sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Acompanhamento Terapêutico; Projeto terapêutico singular; Saúde mental.

THE CITY AS A PLACE FOR MEETINGS: DIALOGUES BETWEEN MENTAL HEALTH AND ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY

Abstract: In order to understand how active and participatory inclusion in the city can contribute to the therapeutic process of people in psychological distress, this research addresses four participants, users of a Psychosocial Care Center II. It proposes a dialogue between mental health and environmental psychology, interested in discussing ways to better manage health strategies together with singular therapeutic projects. Carried out in conjunction with the Therapeutic Accompaniment process for each participant, public spaces were visited, places where previous relationships were built, environments where previous experiences were lived throughout their lives. Data transcription and analysis were performed from the Thematic Analysis, resulting in two categories: belonging; affection and movement. Finally, the relevance of this study in relation to the theme is highlighted, in addition to the importance that public spaces and environments have in the construction of well-being for an individual in psychological distress.

Keywords: Therapeutic Accompaniment; Unique therapeutic project; Mental health.

1 Docente de Psicologia na Universidade do Estado de Minas Gerais. Email: <bettieli.silveira@uemg.br>

2 Discente de Psicologia na Universidade do Estado de Minas Gerais. Email: <mayaraalves777@gmail.com>

INTRODUÇÃO

“A vida na cidade expõe confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem” (LEFEBVRE, 2001, p.22).

A cidade constitui-se na realidade imediata, no dado prático-sensível, e impõe-se no plano arquitetônico, enquanto o “urbano” revela-se por meio das realidades sociais, das relações construídas pelas subjetividades: cidade e vida urbana, que proclamam a indissociabilidade entre o plano concreto e as relações sociais. Constituída por pessoas e grupos sociais, a cidade é muito mais produção de seres humanos do que de objetos (LEFEBVRE, 2001).

Constituída por diferentes realidades, sabe-se que nas cidades se encontram as mais distintas ideologias e subjetividades. Por outro lado, pouco se sabe sobre o que há por trás de ambientes construídos, sobretudo aqueles recheados de tabus e estereótipos, como os interiores das casas e de instituições totais, como diria Foucault (1999). O processo de desinstitucionalização psiquiátrica, necessário e em transição, contempla o território urbano como elemento estratégico para tal. Nas cidades se encontram e se contrastam distintos modos de vida e de habitação do espaço socio físico.

Na rede de saúde mental se estruturam os serviços focados em responder às necessidades terapêuticas psicopatológicas de pessoas em sofrimento psíquico, por meio de suporte interdisciplinar. No entanto, apesar de ser princípio, a alta demanda e o fluxo dos trabalhos dificulta o estímulo aos processos de inserção social de seus usuários. O interior das casas e das instituições totais se acostumou a esconder e privar da pessoa em sofrimento psíquico o direito a habitar a cidade.

Segundo Yassui (2009, p. 595), as instituições de tratamento ao doente mental, como manicômios, clínicas psiquiátricas e/ou hospitais de custódia, foram, por muito tempo, concebidas como locais adequados para o tratamento da “loucura”, pois os doentes mentais deveriam ser retirados de circulação nas cidades por serem considerados “indivíduos não adaptáveis ou resistentes à ordem social”. Atualmente, no Brasil, as políticas derivadas da luta antimanicomial, gradativamente, reintegram a “loucura” aos espaços urbanos, junto de lugares como: os SRT’s e os Centros de Apoio Psicossocial (CAPS). E as cidades, por sua vez, convergem e divergem em espaços de construção de significados, de inclusão e de exclusão, de produção e de reconstrução de identidade social urbana.

Em 2001, através da Lei Antimanicomial (10.2016/2001), abriram-se novas possibilidades, legitimadas por lei e comemoradas pela população, trabalhadores e cientistas envolvidos. Porém, mais de vinte anos se passaram e ainda se nota a “loucura” à margem da sociedade. Os bairros, o comércio e as ruas das cidades, por sua vez, tornam-se palco do encontro desses novos habitantes, por tanto tempo reclusos, que timidamente buscam se aproximar das transformações urbanas e de sua dinâmica cotidiana.

Para a Psicologia Ambiental (PA), a relação pessoa-ambiente transcende o lugar como “contexto”, visualiza-se o ambiente como elemento que compõe subjetividades e por elas é constituído (ARAGONÉS, AMÉRIGO, 1998). Detentor de múltiplos significados e valores, o lar é, constantemente, percebido como promotor de sentimento de pertença, de segurança, de liberdade e de refúgio interno (SOILEMEZI, et al., 2017). A percepção de lar e o sentimento de habitar uma casa e recriar relações com o lugar no entorno urbano, permitem ao sujeito a construção contínua de autoidentidade (LENGEN, et al., 2019).

Na história das cidades, destaca-se o planejamento urbano pós-revolução Francesa, no século XIX. Além das modificações arquitetônicas, a retirada das moradias dos pobres, dos centros urbanos caracterizou o

que hoje se compreende como a negação da diversidade constituinte da essência das cidades (SENNET, 2008; LEFEBVRE, 2001c; SARACENO, 2011). Esta “profilaxia” do meio urbano culminou em uma empreitada homogeneizadora e civilizatória da cidade, na qual a loucura foi retirada de circulação, pois cabia aos manicômios o “adequado” tratamento e “[...] exclusão de indivíduos não adaptáveis ou resistentes à ordem social” (YASSUI, 2014, p. 595).

Dentro da Psicologia ainda se verifica pouca difusão e inúmeras lacunas na ênfase ambiental, fazendo com que as aproximações da Psicologia Ambiental (PA) aos Estudos Pessoa-Ambiente (EPA) sejam escassas, reduzidas a poucos laboratórios e núcleos de pesquisa nacionais, porém com extensa produção internacional (SILVEIRA, KUHNEN, 2019). Poucas pesquisas se direcionam a abordar diretamente as características físicas de ambientes urbanos que afetam positivamente a experiência restaurativa de estresse psicológico (LINDAL e HARTIG, 2013), ainda que muitas pesquisas apontem para os potenciais benéficos das incursões urbanas, do ambiente natural para o bem-estar, qualidade de vida, diminuição do estresse e da fadiga de atenção (AMIN, 2018; BELANCHE et al., 2017; BERNARDO, PALMA-OLIVEIRA, 2016).

Percebida como área de estudo que debruça seus esforços acerca dos efeitos dos ambientes sobre os comportamentos, percepções e/ou afetos das pessoas, a PA também investiga como os indivíduos atuam, modificam e constroem seu entorno. Para tanto, investe-se cientificamente na aproximação das áreas de saúde mental e da psicologia ambiental de maneira a contemplar a multiplicidade de experiências e expressões vividas em contextos de saúde, recriando vínculos e potencializando novas formas de se relacionar com o novo lugar e ocupá-lo, afetiva e integralmente.

As políticas derivadas da luta antimanicomial vivem em constante flutuação entre avanços e retrocessos. Enquanto mecanismo de garantia de direitos, a reforma psiquiátrica, mais do que reformular os serviços de saúde mental, ousa discutir e lutar pela reinvenção de espaços na sociedade que incluam o diferente, e ninguém mais que o “louco” para denunciar e impor a diferença (LIMA, YASSUI, 2009). Nesse processo, os serviços de atenção psicossocial são fundamentais alternativas para trocas entre os setores da sociedade e o sistema de produção de cuidados de saúde. Tal concepção tem a cidade como palco das relações sociais, ao mesmo tempo em que atua como promotora de construção de significados, de apego e de identidade de lugar.

A cidade, percebida como “casa”, possui sentidos e significados que constituem subjetividades. Extrapola-se o conceito geográfico de cidade, pois nelas também estão inscritas as memórias do habitante e de seus grupos sociais. Ao considerar que nas cidades se tecem as relações entre os usuários do sistema de atenção psicossocial e o território onde circulam, expõe-se, sobremaneira, a importância de conhecê-la e investigá-la como potencial promotora de bem-estar e qualidade de vida para pessoas em sofrimento psíquico (QUINN, et al., 2019).

Ao se debruçar sobre a compreensão do desenvolvimento humano nas cidades, a identidade e o apego ao lugar surgem como elementos essenciais para compreensão dos vínculos e percepções desenvolvidas pelas pessoas para com o ambiente que habitam. Isto é, ao verificar que o lar é um espaço orgânico e de transição, os significados que a ele atribuímos se modificam continuamente. Nos conectamos e o ambientamos à medida em que nossas necessidades e interesses se ressignificam e se reconstruem (SILVEIRA, 2021).

Ao pretender contemplar a discussão sobre a saúde mental alicerçada por elementos culturais, do ambiente físico e simbólico do lugar, traz-se diálogo e caráter interdisciplinar ao projeto de pesquisa. Ao considerar que as pessoas necessitam identificar territórios como próprios para então estruturar suas

cognições e estabelecer relações sociais, o conceito de identidade de lugar se apresenta, ressaltando a importância dos vínculos emocionais com o entorno (MOURÃO, CAVALCANTE, 2006; BELANCHE, et al., 2017). Processo dinâmico e mutável ao longo da vida das pessoas, a construção da identidade de lugar percorre envolvimento comportamental cognitivo, investimento emocional, aproximações e vinculações afetivas, culturais, dentre muitos outros atributos constituintes. Aproxima-se do conceito de apego ao lugar, compreendido por Scannell e Gifford (2010) a partir do modelo tripartite, que abrange as dimensões: pessoa, lugar, processos psicológicos.

Os significados e sentidos que construímos com os ambientes permitem, segundo Tuan (2013), transformar espaços em lugares. Assim, vivemos na segurança dos lugares, desejando a liberdade dos espaços. Ao se implicar em tais relações, as pessoas assumem postura ativa em um processo de apropriação e significação dos lugares, fundamental na vinculação afetiva e identitária (Ponte et al., 2009). Ao perceber um território como seu, apropriando-se e sentindo-o como seu lar, permite-se ao sujeito a construção contínua de autoidentidade.

A reclusão psiquiátrica perpetuou distanciamentos não apenas na esfera física e geográfica, mas também nas dimensões culturais, sociais, afetivas, cognitivas, dentre tantas outras. Deste modo, buscou compreender de que modo a inclusão ativa e participativa na cidade pode contribuir com o processo terapêutico de pessoas em sofrimento psíquico.

MÉTODO

A pesquisa adotou um delineamento qualitativo e abordagem multimetodológica. Se utilizou da associação de observação direta e indireta, com vistas à construção e o desenvolvimento do instrumento/técnica seguinte, oferecendo a possibilidade de complementação e confrontação dos dados obtidos. Os dados coletados oferecem um coorte transversal.

A coleta de dados contemplou três momentos: a) observação participante; b) mapeamento comportamental; c) entrevistas semiestruturadas. Foi investigado os trajetos e diálogos inerentes ao processo de Acompanhamento Terapêuticos (AT) desenvolvido pelos profissionais do CAPS com pessoas em sofrimento psíquico e utilizando-se desses momentos para realizar a observação participante e o mapeamento comportamental. Em um momento seguinte, de modo individual, foram agendadas entrevistas semiestruturadas com os mesmos participantes do momento de coleta de dados anterior para indagar e melhor compreender as nuances acerca dos processos de identidade e apego ao lugar, verificando a correspondência e importância da cidade e das estratégias terapêuticas de aprimorar tal vinculação.

A coleta de dados contou com a parceria de um Centro de Atenção Psicossocial II, no interior de Minas Gerais. Tem-se contato e parceria institucional do CAPS com a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) estabelecida e com bons frutos, a partir de estágios básicos, profissionalizantes, eventos e trocas profissionais.

Os participantes foram selecionados conforme indicação do CAPS e disponibilidade para realização da prática de AT, junto do profissional do Serviço que liderou a atividade. Foram incluídos na pesquisa aquele(a) que: a) reuniu condição psicopatológica no momento da coleta de dados, informação fornecida pela psicóloga responsável técnica pelo paciente; b) consentiu e assentir participação, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Os dados oriundos da entrevista semiestruturada, foram apreciados à luz da Análise Temática (BRAUN, CLARKE, 2006a; 2019a). O material obtido nas duas primeiras etapas da coleta de dados será utilizado para dar suporte aos dados terceira etapa (entrevista), porém apreciados em conformidade à literatura específica. A pesquisa foi desenvolvida com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEMG, com número de parecer 5.175.309. E foram seguidas todas as normativas e parâmetros éticos, atendendo à Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

Durante o desenvolvimento da presente pesquisa foram entrevistados(as) quatro participantes, com idades entre 21 e 50 anos, sendo três participantes homens e uma participante mulher. O que diferenciou o número de encontros com os participantes, foi a disponibilidade de cada um deles para que fosse possível a ocorrência dos trajetos realizados por meio do acompanhamento terapêutico e conseqüentemente a observação participante, de modo que a observação era realizada com certa distância afim de preservar o vínculo terapêutico estabelecido entre paciente-participante e condutor do AT e por fim, foi realizada a entrevista semiestruturada.

Tabela 1. Caracterização dos participantes

Participante, homem, 50 anos de idade, 2 encontros.
Participante 2, homem, 44 anos de idade, 1 encontro.
Participante 3, mulher, 21 anos, 3 encontros.
Participante 4, homem, 21 anos, 1 encontro.

A pesquisa foi desenvolvida juntamente com o único Centro de Atenção Psicossocial- CAPS II de uma cidade do interior de Minas Gerais, com cerca de 106.000 habitantes atualmente, segundo os dados do IBGE de 2018. Sobre a demografia da cidade, possui estrutura de ruas planas, com muitas árvores e espaços públicos, boas para realização de atividades como caminhadas e passeios ao ar livre. Embora com demografia favorável aos transados a pé, a cidade possui poucas praças e as que existem não são convidativas a pausa, por pouca iluminação, espaços de sombra e bancos para sentar.

Foram realizados trajetos com cada um dos participantes presentes no atual estudo na modalidade de Acompanhamento Terapêutico (AT). O acompanhamento terapêutico é um tipo de intervenção onde utilizara do espaço de circulação do(s) paciente(s) para promoção de saúde, bem-estar ou até mesmo de tratamento para determinadas doenças. (SILVA, 2017). Modo de intervenção psicossocial praticado no CAPS, na prerrogativa de atuar com os pressupostos da clínica ambulante, em movimento. No AT se viabiliza ao terapeuta (*in loco*), o espaço de circulação do paciente para promover saúde e auxiliar nesse processo. O terapeuta desloca-se até onde o paciente está ou deseja estar para realizar a sessão clínica e esse espaço para atendimento pode ser a casa do paciente, uma praça, um shopping, um ambiente qualquer, o local precisa somente possuir viabilidade para que seja possível ocorrer o atendimento.

A cidade possui transporte público de fácil acesso para os usuários, porém, em alguns bairros da cidade esse transporte demora para passar, o que acaba dificultando sua utilização e deslocamento até locais como o Centro de Atenção Psicossocial. Muitos usuários do CAPS precisam utilizar o transporte

público, por não possuírem meios próprios de deslocamento até o serviço, ou condições autônomas para tal atividade. A distância entre centro da cidade e o serviço é relativamente significativa, com aproximadamente 2,8 quilômetros.

Para análise dos dados coletados, utilizamos o método de Análise Temática, desenvolvido por Virginia Braun e Victoria Clarke (2006b; 2019b). Trata-se de um método analítico qualitativo pouco demarcado e reconhecido, mas amplamente utilizado na Psicologia e em outras áreas. As etapas para seu desenvolvimento acontecem através da identificação, análise e descrição de padrões ou temas, aos quais permite apresentar e organizar os dados de uma forma sintética, clara e precisa.

Após análise dos dados coletados e transcritos, dois temas emergiram. O primeiro tema foi intitulado de “pertencimento”, que refere a ligação ao qual cada participante demonstra ter em suas falas com os lugares percorridos e as interações já estabelecidas, ou, o desejo de construção de novas e futuras relações com esses ambientes. O segundo tema diz respeito ao “afeto e movimento”, que trata da afetividade estabelecida com esses espaços e idealizações futuras de vida, lugares antes já visitados aos quais exprimem desejo de retorno, relações estabelecidas com familiares, as andanças pelos ambientes realizadas e os sentimentos refletidos diante esses acontecimentos.

Tabela 2. Temas e Subtemas

Afeto e movimento	Pertencimento
Afeto pela cidade	Mudanças na cidade
Caminhadas	Movimento
Interação pela cidade	Interação com a vizinhança
Relações Familiares	Afeto
Espaços Públicos	
Atrações Comunitárias	
Projetos de Vida	
Movimentos de ir e vir	

DISCUSSÃO

Dentre os temas emergidos dos dados coletados, o primeiro se refere à Afeto e Movimento. Partindo deste, relacionamos categorias que se conectam com falas e pontuações trazidas pelos participantes da pesquisa, como poderemos ver a seguir.

i. Afeto pela cidade

“Eu gosto da cidade aqui (...), eu queria sair, ter outras experiências, mas eu gosto sim daqui.” (P1); “Nas praças tinha, vamos supor, uma festa junina, festa, algum show e eu gostava de ir, me sentia muito bem. Era o lugar que eu mais ia e gostava (...) (P1); “Acho a cidade aqui boa, gosto sim daqui.” (P2).

Evidencia-se, por meio das falas supracitadas, o afeto emergido pelos participantes em relação a

cidade que habitam, que construíram suas histórias, relações, famílias e como o estar inserido na cidade e nos seus espaços resultam em sentimentos como o de pertencimento. Segundo Hellinger (2014) quando se refere as chamadas “Leis de pertencimento”, todo indivíduo tem direito ao lugar que ocupa e se sente pertencente, além de que nos sentimentos pertencentes a algo a partir do vínculo que estabelecemos com esse algo, seja ele um lugar específico, uma pessoa.

ii. Interação pela cidade

“É bom sair, ver gente, andar (...) as vezes eu saio, muito difícil, aqui pela vila mesmo, mas saio.”; (P1) “(...) O centro da cidade, porque vai nas lojas comprar roupas, a praça também, é um lugar que vou com frequência, pelo menos uma vez na semana.”; (P3) “(...) Lá tenho família, tios, meu primo, eu gosto de lá (...) (P4).

Referindo-se ao segundo subtema, pode-se perceber a importância para os participantes em se sentir inseridos e pertencentes aos ambientes frequentados ou revisitados. De acordo com Netto et al., (2018, p.249-267), “os significados atribuídos se tornam parte de um ambiente, o espaço urbano como parte de um “ambiente de informação” e por meio disso o indivíduo é capaz de produzir e extrair informação de seu contexto, assim tais informações se tornam parte das interações. Salienta-se, ainda, os sentimentos que surgem, principalmente de bem-estar estando nesses lugares e o quanto é essencial a construção de vínculo desses sujeitos com os ambientes aos quais se referem.

iii. Espaços Públicos

“Gostaria de ir ao cinema, eu gosto de filme, vejo quando passa algum na televisão, mas nunca fui ao cinema (...)” (P2); “A biblioteca pública é onde mais gosto de ir (...) já fomos na farmácia, passamos por lojas no centro da cidade, mas gosto mesmo da biblioteca.” (P3); “Gostaria muito de ir algum dia em um museu.” (P3); “Eu queria ir no shopping, já fui, mas gostaria de ir de novo (...)” (P4).

Relacionado aos espaços públicos, as principais verbalizações derivaram de desejos de visitar ou visitar locais. Os espaços públicos em geral, são lugares de fácil acesso, em muitas vezes amplos e bem estruturados e apesar de serem locais comuns, onde as pessoas visitam com frequência, a fim de lazer principalmente. Para Netto (2017) os espaços urbanos se tornam “espaços de referências”, permeadas pelo anseio de construir interação com esses lugares, de construir novas memórias, sentimentos e de se sentir inserido e pertencente.

iv. Caminhadas

“Eu gostava de ir aqui na marginal fazer caminhada, achava bom, tinha muito movimento de pessoas e os outros lugares que eu ia sempre na época que eu estava fazendo caminhada (...)” (P1); “As caminhadas na marginal e aqui na rua, na rua aqui eu me sinto bem, andando (...) (P1). Neste tema a maior referência se deu sobre a importância dos trajetos realizados anteriormente. Uma caminhada, exercício essencial para o bem-estar e para a saúde, fato que muitos especialistas já comprovam sobre o quão benéfico pode ser realizar atividade física, como a caminhada, trazendo benefícios não somente físicos, como também se tratando de saúde mental.

v. Atrações Comunitárias

“Eu ia “num forrózinho” ali embaixo no progresso e ficava até tarde da noite lá, até madrugada e sentia bem também, muitas vezes eu fui lá e às vezes se um dia der certo, se tiver um ou outro, não tem muitos forrós, mas eu ia em algum só para espaiar um pouco né?”; “É, todo ano eu ia quando tinha festa, exposição, eu ia.”; “Gosto ir ao forró, quando dá, gosto de dançar, ver pessoa diferente, amizade diferente né?” (P1)

As atrações comunitárias, como: forró, festas populares, citadas nas falas pelos participantes da pesquisa retrata sobre a importância desses acontecimentos. Além disso, trata também sobre vinculação e construção de novas relações e evidencia novamente sobre o sentimento de pertencer a um ambiente e se sentir inserido nele, além de reverberar sentimentos de bem-estar.

vi. Relações Familiares

“Às vezes eu, gostaria às vezes de visitar um parente meu, ir na minha tia (...) Em uns parentes meus que eu era mais assim, família mesmo. Eles moram aqui, do outro lado da cidade. Mas eu gostaria de ir lá ir na casa dos meus parentes.” (P1); “Vou mais na casa da minha filha, ela mora em bairro aqui próximo”; “Eu gosto de ir ali com os meus filhos, sozinho não gosto não!”; “Eu gosto de estar muito aqui na casa da minha mãe, venho todos os dias aqui.”; “Na maioria desses lugares vou com meus filhos e gosto dá união com eles, gosto desses lugares porque me unem com meus filhos” (P2).

De acordo com Kaloustian (2004, p.12), “é a família que propicia aportes afetivos e, sobretudo matérias necessárias ao desenvolvimento como um todo e no bem-estar do outro familiar” (...). Nessa categoria se destaca as relações familiares trazidas nas falas dos participantes, além de também evidenciar a significativa importância dessas relações na vida desses sujeitos e nos seus processos de sofrimento psíquico e conforme evidencia o estudo realizado por Silveira et al. (2018), “as amizades e relações com a família são importantes fontes de apoio, principalmente quando se refere a dimensão afetiva, de onde surge apoio emocional e afetivo.”

vii. Projetos de vida

“Se fosse para sair da cidade do jeito que eu saía (...) andava um pouco, frequentava algum barzinho, ultimamente eu “tava” era fazendo isso né? Mas se fosse para continuar, às vezes, era ir na cidade, essas coisas (...)” (P1). “Ir na academia também, eu gosto muito, me faz bem ir (...)” (P3); “(...) eu gosto de lá e no futuro quero voltar a morar lá” (P4). As falas evidenciam planos futuros advindos dos participantes, motivações e desejos. Além de demonstrar novas e futuras perspectivas sobre dar continuidade aos seus processos de vida como um todo, principalmente se tratando da vida pessoal.

viii. Movimento de ir e vir

“Quando eu saio eu penso que, ah eu já passei por aqui, já estive aqui e isso me traz lembranças, me dá uma esperança de tentar continuar(...)” (P1), “Eu preferia tentar voltar a fazer a caminhada na marginal né? (...) Agora, se fosse possível e eu conseguisse eu ia no bar, no forró, nos lugares de antes” (P1). Nesta categoria, foram retratadas falas que se referem ao que denominados de movimento de ir e vir. Pode-se perceber nos

relatos trazidos novamente as relações constituídas dos participantes com os ambientes visitados pelos mesmos anteriormente, além de demonstrar, os afetos e atravessamentos que falar sobre esses lugares ou revisita-los despertam desejos de dar continuidade ou de tentar novamente, voltar a realizar as atividades que por conta do sofrimento psíquico ao qual estão atualmente passando os impedem momentaneamente de continuar.

Referente ao primeiro tópico de temas e categorias obtidas, percebe-se nas falas e pontuações emergidas dos participantes a importância na construção de novas relações, seja com lugares já visitados ou que desejam ainda conhecer, o apego que cada um possui com os referidos lugares, os sentimentos descritos ao falar sobre esses espaços, sobre memórias e situações passadas nesses locais. Muitos retratam em suas falas sobre o desejo de visitar espaços, de conhecer novos, de estabelecer novas conexões e novos afetos. Evidencia-se a importância de realizar o Acompanhamento Terapêutico (AT) com esses indivíduos e qualquer outro onde se veja necessário e o quanto esse realizar diversos trajetos, em diferentes lugares, sejam eles públicos ou privados, pode contribuir de maneira significativa no processo de sofrimento psíquico de cada um deles, trazendo bem-estar.

De acordo com Pitiá e Santos (2006), “o AT é um tipo de atendimento clínico caracterizado pela prática de saídas pela cidade ou estar ao lado da pessoa com dificuldades psicossociais e sofrimento psíquico, buscando auxiliá-la novamente na circulação e integração social, considerando suas limitações e seu contexto histórico”. Ainda, segundo Alberti et.al (2017, p.131), o acompanhamento terapêutico, também conhecido como AT pode ser entendido como “dispositivo importante na reinserção social, atuando no resgate dos vínculos sociais, cidadania e circulação dos portadores de sofrimento mental nos diferentes espaços físicos e sociais”.

O segundo tema encontrado, se denomina Pertencimento. Dentro deste segundo tópico, foi resultado algumas categorias que também apresentam falas e pontuações trazidas pelos participantes em suas entrevistas, como se pode ver a seguir:

i. Mudanças na cidade

As diversas mudanças físicas, estruturais e funcionais na cidade impactam, em suas estruturas que atualmente possuem e antes não possuíam e podemos perceber o quanto essas mudanças ocorridas impactam os sujeitos participantes no presente estudo por meio de suas falas: “Vi um pouco a cidade, vi as casas, as construções, você vê outro clima né? Sente diferente (...), “Gostaria de conhecer mais a cidade, a cidade aumentou bastante.”, “Já vê umas construções novas e fala: “uai, aqui já mudou né? Tá diferente (...)”. “Sim, é bom. Por que às vezes a gente tá aqui dentro de casa pensando, mas aí depois que você passa lá que você vai ver, as vezes já vê umas construções novas, às vezes nem sabia que tinha feito e aí passa e já fala: “uai, aqui já mudou né? Tá diferente”, tinha casa aqui, outras coisas e acaba que traz uma esperança pra gente né? De tentar seguir à diante (...) (P1).

ii. Movimento

“No centro da cidade, é um lugar que vou com frequência (...)” (P3). A ideia de movimento advinda dessa categoria, se refere especialmente quando nos referimos a trajetos que esses sujeitos realizam, como podemos perceber na fala de um dos participantes e do quanto esse espaço público é importante para o mesmo, a fim

de esse indivíduo ir ou visitá-lo com bastante frequência.

iii. Afeto

“Me traz uma paz, quando ando e realizo os trajetos” (P2); “Me sinto bem, sim. Me sinto alegre indo a esses lugares, frequentando.” (P3); “Eu gosto do conservatório, mais do que aqui da praça. Gosto de lá por conta da bateria, dos instrumentos (...)” (P4). A afetividade pode ser definida como um conjunto de fenômenos psíquicos manifestados sob forma de emoções ou sentimentos e acompanhados da impressão de prazer ou dor, alegria ou tristeza, naturais de todo ser humano.

Para Souza e Soares (2019), o afeto possui especial valia para as pessoas, pois nos torna seres conscientes de nossa realidade mais profunda e valiosa. A construção de novas memórias ou laços afetivos relacionados a pessoas, objetos ou espaços, por meio do afeto é decididamente muito importante e deve ser cultivado ao decorrer da vida dos indivíduos. Torna-se essencial para qualquer processo que envolva o indivíduo, principalmente quando se trata de sua saúde mental.

Nesta categoria, trazemos novamente sobre o afeto na relação construída desses indivíduos com os espaços aos quais permeiam e dos sentimentos advindo dessas relações. O estabelecimento de afeto por alguns locais se revela algo muito importante para os participantes, sendo esses lugares e as idas a eles essenciais na contribuição da construção de novos laços e bem-estar.

iv. Interação com a vizinhança

“Às vezes eu saio, aqui pela vila mesmo (...)” (P1). Ao que se refere essa categoria, destaca-se a interação descrita por um dos participantes sobre sair pelas casas da sua vizinhança, ponto que ele diz ser importante para si. Além de que, novamente, evidencia a importância da construção de laços sociais e reestabelecimento dos que já são estabelecidos. Possui grande significado, em particular a este participante por seu estado psicopatológico, conseguir realizar novamente esses pequenos trajetos e rever pessoas, lembrar memórias e dizer respeito também sobre se sentir bem fazendo de novo algo que não estava conseguindo fazer devido ao seu sofrimento psíquico.

Sobre o desenvolvimento deste segundo tópico, pode-se perceber através dos relatos de cada participante a essencialidade do contato com os locais referidos, o quanto é importante o contato com esses lugares, o afeto ao qual cada um se refere e até mesmo a sensação de espanto ao se deparar hoje com esses ambientes reconstruídos, diferentes. Reflete-se sobre o quanto um ambiente pode ter significado para um sujeito e como o contato com esses locais pode contribuir de maneira significativa na vida e no sofrimento psíquico de cada uma dessas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal compreender como a inclusão ativa e participativa de indivíduos em ambientes públicos, como a cidade e os espaços que a compõem podem contribuir de maneira significativa em seus processos de sofrimento psíquico. Por meio da análise dos dados obtidos, foi possível perceber o quão significativo e necessário é a participação desses indivíduos frente a ambientes

que já frequentaram anteriormente ou que ainda desejam frequentar. Além, da importância que tais lugares representam no dia a dia desses sujeitos por meio do valor afetivo que cada lugar possui aos mesmos, das relações com outras pessoas resultantes das interações construídas nesses espaços.

A disponibilidade para os encontros e trajetos com cada participante presente nesta pesquisa foram desafios, mas a flexibilidade foi elemento chave. Considerando-se o que foi analisado e apresentado ao decorrer do estudo, é possível atentar que se faz necessário ainda futuras pesquisas sobre o tema, a fim de intensificar ainda mais os resultados dessa pesquisa e os benefícios que a inclusão e participação de pessoas em sofrimento psíquico em espaços públicos. Habitar a cidade pode resultar em melhora no bem-estar, construção de novas relações interpessoais e fortalecimento de relações já construídas, intermediadas por afetos e significados.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S.; et al. O Acompanhamento Terapêutico e a psicanálise: pequeno histórico e caso clínico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 20, n. 1, p. 128-141, 2017.
- AMIN, M. Hanaw Mohammed Taqi M. The impact of heritage decline on urban social life. **Journal of Environmental Psychology**, v. 55, p. 34-47, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.12.002>>. Acesso em: 10/2021.
- ARAGONÉS, J. I.; ARANGO, CUERVO, M. A. Cuervo. **Psicología Ambiental**. Madrid: Ediciones Pirámide, 1998.
- BELANCHE, D; CASALÓ, LUIS. V.; FLAVIÁN, C. Understanding the cognitive, affective and evaluative components of social urban identity: Determinants, measurement, and practical consequences. **Journal of Environmental Psychology**, v. 50, p. 138-153, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.02.004>>. Acesso em: 10/2021.
- BERNARDO, F.; PALMA-OLIVEIRA, J. M. Urban neighbourhoods and intergroup relations: The importance of place identity. **Journal of Environmental Psychology**, v. 45, p. 239-251, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.01.010>>. Acesso em 10/2021.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>>. Acesso em: 11/2021.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>>. Acesso em: 10/2021
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal. 1999.
- HELLINGER, Bert. **As leis sistêmicas do pertencimento**. 2014.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- LNGEN, C.; TIMM, C.; KISTEMANN, T. Place identity, autobiographical memory and life path trajectories: The development of a place-time-identity model. **Social Science & Medicine**, v. 227, p. 21-37, 2019.
- LIMA, E. M. F. A.; YASUI, S. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. **Saúde em debate**, v. 38, p. 593-606, 2014.
- LINDAL, P. J.; HARTIG, T. Architectural variation, building height, and the restorative quality of urban residential streetscapes. **Journal of environmental psychology**, v. 33, p. 26-36, 2013. Disponível em: <doi: 10.1016/j.jenvp.2012.09.003>. Acesso em: 09/2021.

- MOURÃO, A. R. T.; CAVALCANTE, S. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 11, p. 143-151, 2006.
- NETTO, V. M. (2017). **The social fabric of cities**. New York: Routledge.
- NETTO, V.M.; MEIRELLES, J.; RIBEIRO, F.L. **Cidade e interação**: o papel do espaço urbano na organização social. 2018, p. 249-267. Disponível em: <DOI: 10.1590/2175-3369.010.002.AO06 ISSN 2175-3369>. Acesso em: 07/2022.
- PITIÁ, A.C.A.; SANTOS, M.A. **Acompanhamento terapêutico**: a construção de uma estratégia clínica. São Paulo: Vetor, p.12, 2006.
- PONTE, A. Q.; BOMFIM, Z. Á. C.; PASCUAL, J. G. Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. **Psicologia Argumento**, v. 27, n. 59, 2017.
- QUINN, T.; BOUSQUET, F.; GUERBOIS, C. Changing places: The role of sense of place in perceptions of social, environmental and overdevelopment risks. **Global Environmental Change**, v. 57, p. 101930, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2019.101930>>. Acesso em: 09/2022.
- SARACENO, B. A cidadania como forma de tolerância. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 93-101, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i2p93-101>>. Acesso em: 08/2021.
- SCANNELL, L.; GIFFORD, R. Defining place attachment: A tripartite organizing framework. **Journal of environmental psychology**, v. 30, n. 1, p. 1-10, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.09.006>>. Acesso em: 11/2021
- SENNET, R. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- SILVA, A. S. T. (org.). **Acompanhamento Terapêutico: terapia sem fronteiras**. Porto Alegre: Editora Portal Dr, 2017. Prefixo Editorial: 92956. Número ISBN: 978-85-92956-03-5.
- SILVEIRA, B. B.; KUHNEN, A. Psicologia ambiental e saúde na relação pessoa-ambiente: uma revisão sistemática. **PSI UNISC**, v. 3, n. 1, p. 89-105, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.17058/psiunisc.v3i1.12523>>. Acesso em: 09/2021.
- SOILEMEZI, et al. Exploring the meaning of home for family caregivers of people with dementia. **Journal of Environmental Psychology**, v. 51, p. 70-81, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.03.007>>. Acesso em: 09/2021.
- YASUI, S. A atenção psicossocial e os desafios do contemporâneo: um outro mundo é possível. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 1, n. 1, p. 109-118, 2009.